

700903

**BIBLIOTECA
UNEMAT**
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG N.º 14067
Data 14 / 09 / 2009
() Compra (A) Doação () Permuta

Biblioteca - Unemat - PLA



00014067

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DO ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

**A CONDIÇÃO DO SER EM O “NADA E A NOSSA CONDIÇÃO” DE
GUIMARÃES ROSA**

Silvia Cristina Ramos Comim

Pontes e Lacerda – MT

2009

82.09
L811c
25.04

SILVIA CRISTINA RAMOS COMIM

**A CONDIÇÃO DO SER EM O “NADA E A NOSSA CONDIÇÃO” DE
GUIMARÃES ROSA**

Pontes e Lacerda - MT

2009

SILVIA CRISTINA RAMOS COMIM

**A CONDIÇÃO DO SER EM O “NADA E A NOSSA CONDIÇÃO” DE
GUIMARÃES ROSA**

Monografia apresentada à universidade do Estado
de Mato Grosso - Departamento de Letras, *Campus*
de Pontes e Lacerda como requisito para avaliação
da disciplina TCC do curso de Letras.

Orientadora Prof^ª. MS Elair de Carvalho

Ensaio Monográfico apresentado e defendido perante a seguinte banca examinadora:

Professora Ms. **Elair de Carvalho** – orientadora

Professora Dr^a **Marinei de Almeida** – banca

Professora **Rosely Aparecida Romanelli** – banca

Pontes e Lacerda, 30 de junho de 2009

**Aos meus pais Cleunir Comim e Maria
Aparecida R. de L. Comim e aos meus avós José
Casusa de Lima e Heloísa Ramos de Lima**

Estas são pessoas de crucial importância tanto para
minha existência quanto para minha vida acadêmica.
Todos perderam horas de sono por mim agora é
minha vez de recompensá-los.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é um grande desafio em minha vida, um teste para as minhas habilidades as quais coloquei em questão inúmeras vezes. Mas, o resultado só foi possível ser alcançado graças a muitas pessoas que me cercaram durante toda minha vida acadêmica. As principais a quem desejo expressar minha gratidão são:

Professora Dr^a **Madalena Machado**, que foi capaz de instigar e despertar em mim o gosto pela literatura e para as questões existencialistas do ser. Momento no qual minha mente se abriu para perceber o quanto somos pequenos e como a literatura nos abre caminhos para outros horizontes e universos.

Professora Ms.**Susanne Castrillon**, por dedicar parte do seu tempo para me orientar e incentivar-me a continuar meu trabalho apesar de todas as dificuldades.

Professora Ms **Elair de Carvalho**, por aceitar a continuar me orientar, dando-me um pouco mais de confiança e vontade de vencer.

Todos os meus amigos tanto zootecnistas quanto letrandos que nos momentos mais difíceis em que tive vontade de desistir, seguraram minha mão e disseram para eu seguir em frente com minha pesquisa de TCC porque segundo estes eu seria capaz de transformar o mundo se quisesse.

Quem acha vive se perdendo.

Noel Rosa "Feitio de Oração

SUMÁRIO

RESUMO.....	10
INTRODUÇÃO.....	11
DE QUEM É A VOZ DE O <i>NADA E A NOSSA CONDIÇÃO</i> ?.....	14
EM “NADA E A NOSSA CONDIÇÃO” A ÚNICA CERTEZA É O INCERTO.....	17
A CONDIÇÃO DO SER EM “NADA E A NOSSA CONDIÇÃO” DE GUIMARÃES ROSA	
O Conflito.....	21
Autoconhecimento e transição.....	27
Ultima fase, ser fazedor de si e encontrar-se no nada.....	32
Considerações Finais.....	35
Bibliografia.....	37
Anexos.....	40

I – RESUMO

Este estudo se desenvolve acerca da percepção sensorial presente no conto “Nada e a nossa Condição”, retirado do livro *Primeiras Histórias* de Guimarães Rosa (2001). A partir deste conto consideramos algumas idéias da filosofia de Heidegger e Sartre sobre a questão do Ser. Assim, a nossa proposta é analisarmos trechos do conto em que o personagem Tio Man’ Antonio faz sua viagem pelo sertão e pelas vias existenciais, o que nos dá margem, sobretudo, à respeito da relação entre a percepção sensorial da personagem e o caráter poético da existência do nada na linguagem de Rosa. Incluímos ainda, nesse estudo, o desejo de compreender como se dá a relação entre o corpo da palavra e o corpo do leitor. Nesta análise buscamos enfocar a experiência do dizível e do indizível, do utilitário e do inutilitário, e como a construção da personagem Tio Man’ Antonio revela uma experiência de ordem poética e de resistência a um mundo que reduz o corpo a um instrumento de trabalho e de utilidades. Assim, analisamos a formação de Tio Man’ Antonio como contador de histórias, que elabora sentidos para as percepções sensoriais da personagem e mostra ser recurso importante no enfrentamento da morte e na afirmação da *alegria*, temas fundamentais e extremamente relevantes no conto em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Experiência poética; linguagem; personagem

II - INTRODUÇÃO

O trabalho que neste momento se apresenta resultou do desejo de investigar a narrativa “Nada e a Nossa Condição”, retirado do livro *Primeiras Estórias* de Guimarães Rosa(2001), a partir de uma experiência só pouco a pouco compreendida e formulada. Em leituras ficcionais das narrativas de Guimarães Rosa fui apreendendo a palavra como transbordamento de desejo para a descoberta do ser, do estranhamento e da palavra inédita. A leitura da palavra poética acompanhada pelo trabalho da professora Dr^a Madalena Machado, aumentou em mim uma resistência à automatização. Assim, tomei como objeto de pesquisa desta monografia o conto “Nada e a Nossa Condição”, de Guimarães Rosa.

Esta narrativa trata da história de Tio Man’ Antonio, um grande proprietário de terras, que não se reconhece na posição que ocupa. Após ver sua família desfeita com a morte de sua esposa Liduína e o casamento das três filhas, decide desfazer-se de todos seus bens materiais dividindo-os entre suas filhas e servos. A única coisa da qual não se desfaz é a Casa Grande em que morava, na qual morre sozinho e feliz, e, em um grandioso incêndio se torna cinzas assim como o casarão. O principal resultado desse trabalho deverá ser a leitura da obra considerando, em especial, a relação entre a linguagem do texto literário e a construção da personagem Tio Man’ Antonio. Para situar a questão, partiremos de uma análise sobre a tensão que se estabelece entre a razão e o nada, o dizível e o indizível, o utilitário das coisas e a inutilidade.

Em prefácio às obras completas de Guimarães Rosa, o crítico literário Eduardo F. Coutinho trabalha justamente com a idéia de que ambos os elementos são integrantes da narrativa de Rosa. Em contínua e mútua relativização, atuam como forças que não são excludentes, e com isso, movimentam a obra do autor.

Desta forma, acredito também que na narrativa do escritor encontra-se uma variedade de elementos que transcendem a lógica racionalista buscando certa admiração pelo mistério e desconhecido, como elementos que são parte integrante do complexo mental do homem e do sertão.

Coutinho considera que apesar de Rosa colocar em “xeque a tirania do racionalismo, condenar sua supremacia sobre os demais níveis de realidade” o escritor,

por outro lado, não “rejeita o racionalismo como uma entre outras possibilidades de apreensão da realidade, mas procede a uma relativização de sua autoridade”. Na narrativa do conto “Nada e a Nossa Condição”, por exemplo, extrai sua força justamente dessa convivência entre o mítico e o racional. É o embate entre duas ordens distintas que gera o discurso de Man’ Antonio, que, no dizer de Antonio Candido “tenta laboriosamente construir a sabedoria sobre a experiência vivida, porfiando, num esforço comovedor, em descobrir a lógica das coisas e dos sentimentos”- (CANDIDO, 1964,p.40). Num tenso equilíbrio, combina-se o mito e a razão, o mundo da fabulação e o da interpretação racional, que disputam a mente de Tio Man’ Antonio, e nutrem sua introspecção tateante e extravasam sobre o sertão. O suporte da questão no conto constitui-se no episódio do pacto da personagem com a morte, que atrai a atenção para o mito, no entanto não repudia completamente a possibilidade de uma perspectiva racionalista.

Há outros aspectos no quais a força do irracional provoca uma diluição da razão. No caso da personagem dominada por uma estranha loucura, por exemplo, a ordem racional chega a dissipar-se por completo. Impregnam na ficção do autor, pela linguagem e experimentação poética e percepções aguçadas de seus personagens, uma crítica ao racionalismo. Quando recai o foco narrativo sobre Tio Man’ Antonio, a surpreendente emanação poética de sua voz efetua uma verdadeira desconstrução do discurso hegemônico da lógica ocidental. A linguagem, atravessada por ele, é nesse caso a expressão de “uma natureza em luta com um instrumento inadequado precisamente por seus elementos lógicos”(Leite, 1997, p.27). A linguagem de Tio Man’ Antonio é como diz Paulo Rónai, “campo propício à invasão do irreal, do irracional, do mágico – numa palavra, da poesia”.

A força desse elemento na obra Guimarães Rosa é tão grande que, ao ser referido nos textos de crítica literária, ganha variadas definições. É notória a quantidade de termos e conceitos que cercam este universo - é denominado primitivo, fantástico, pré-lógico, natural, pré-social, arquetípico, marginalizado, instintivo, sensitivo, etc. Nesse caso, para uma organização ampla da questão nada *versus* razão na obra de Guimarães Rosa foi importante a leitura do trabalho *Caos e Cosmos*, de Suzi Frankl Sperber (1979). O estudo percorre as “leituras espirituais” de Guimarães Rosa, comparando-as com a obra, de onde a autora conclui, entre outras coisas, que de *Sagarana* até

Primeiras Estórias “houve um encaminhamento contrário ao experimentado pelo mundo ocidental: a narrativa de Guimarães Rosa volta da lógica ao ilógico.”.

No conto vemos que o desenvolvimento no qual o que é mal, medo, vaidade, inveja, orgulho, capital, é ruim, portanto, feio; não só traz uma conseqüente constatação inversa, como também apresenta uma constatação mais complexa. Os sentimentos negativos apontados são decorrentes da razão, do pensamento. Portanto, o pensamento lógico parece mostrar-se negativo.

Verifica-se no conto uma passagem fundamental em direção ao ilógico, indicada pelo desprendimento de um “realismo ingênuo”, em que os signos ainda significam a coisa. Assim, o *espaço* fica no plano da ambientação da narrativa e a sua travessia de modo que a ida-e-volta da personagem Tio Man’ Antonio, se converte em sentido simbólico. Constata-se que o destino está ligado à travessia-caminhada constante: a travessia do espaço simboliza “purificação e iniciação”. Em outras palavras, a “força de verdade”, de “autenticidade” da narrativa abre-se para uma formulação de uma contra-ordem, em que há sempre a visão das essências e do primordial, quer sejam eles a poesia, quer sejam o próprio mundo preso pelo casarão; quer, ainda, o mundo se abra como cifra a ser conhecida por Tio Man’ Antonio.

Também se pode perceber um equilíbrio entre razão e nada na narrativa. O estudo do conto evidencia uma plena fusão dos elementos narrativos - personagens, espaço e ação - que, “expelidos do tempo”, irradiam transcendência. Nenhum elemento vale mais por si mesmo e todos se condensam no plano mítico - o da morte. Resultado de um adensamento da linguagem, que ganha em força poética e se torna ela mesma o foco de emanção do irracional: o mundo e o relato dele remetem para a transcendência, em que a personagem protagonista está em constante descoberta e estranhamento de si.

Guimarães Rosa parte de uma imitação do real para transcendê-lo. O “real” existiu na ação e pelas palavras de Tio Man’ Antonio, e foi transcendido na ação e pelas palavras do mesmo. É no caminho dessa discussão mais ampla em torno da obra de Guimarães Rosa que focalizaremos, em particular, a narrativa “Nada e a nossa condição”, no que se refere à experiência do poético e condição do ser contestada pelo autor.

Cap. 1

DE QUEM É A VOZ DE O “NADA E A NOSSA CONDIÇÃO”?

O conto “Nada e a nossa Condição” trata da estória de Tio Man’ Antônio, um grande proprietário de terras que após perder sua esposa Tia Liduina, se desfaz de tudo aquilo que lutara uma vida inteira para conseguir. Divide entre seus servos e suas filhas todos os seus bens materiais ficando apenas com a grande casa em que vivia. Esta ação o faz ser visto por aqueles a quem beneficiara, como um louco. Por fim, morre sozinho sem falsos amores e amizades e desaparece junto com sua casa sob cinzas após grandioso incêndio.

No conto em questão temos grande dificuldade de encontrarmos um narrador, não que este não exista. Mas, porque não se deixa “agarrar”, ou melhor, não se mostra ao leitor claramente, o que nos faz ter a impressão de sua inexistência. A sensação que temos, é que o próprio conto se narra a si mesmo, é como se a estória estivesse simplesmente acontecendo e nós a observássemos como espectadores e testemunhas presentes. Porém, após uma leitura mais aprofundada, podemos notar que este narrador apesar de nos confundir constantemente está lá. Contudo, identificá-lo não é tarefa simples, é antes de tudo muito complexo e confuso, visto que podemos a qualquer momento nos deixar confundir por suas armadilhas se é que podemos chamar assim. Contudo, apesar de nos dar a sensação de que não existe dentro da narrativa, este narrador se trai durante alguns trechos do conto. Dentre estes momentos, encontramos quatro passagens.

Primeiro, ao iniciar a narrativa, este narrador se apresenta discretamente através do pronome possessivo “minha” que aparece duas vezes no conto e se refere à família da qual trata no decorrer da narrativa, “Na minha família, em minha terra, ninguém conheceu uma vez um homem(...)” (Rosa, 2001, p. 129) este trecho obviamente coloca o narrador como parte integrante desta família, já que, o pronome “minha” está em primeira pessoa.

Outra passagem ainda no primeiro parágrafo do conto, que reforça a condição do narrador como parte integrante desta narrativa, é a seguinte: “Era fazendeiro e chamava-se Tio Man’ Antonio” (Rosa, 2001, p. 129). O fato do narrador se referir ao personagem principal como “Tio”, o coloca na posição de sobrinho de “Man’ Antônio”. Porém, este

fato também nos confunde, visto que “Tio” parece fazer parte do nome da personagem, já que em outras situações aparece na narrativa apenas como forma de designar a personagem em questão. Contudo, fica claro se tratar de alguém que mesmo sem se colocar na cena que descreve, faz parte daquele universo que se propõe a narrar.

Outro momento no qual podemos encontrar este narrador está nos seguintes trechos: “... só estamos vivendo os futuros antanhos” - (ROSA, 2001, p. 131) e “... às vezes a gente mal pensava que ele não se achasse lá...” - (ROSA, 2001, p.133). Nos dois trechos vemos o narrador se apresentar primeiro, através dos verbos “*estamos vivendo*” que estão conjugados em primeira pessoa do plural “nós”, o que o deixa em condição de estar vivendo com o personagem Tio Man’ Antonio, de está-lo observando de não muito distante. Depois, temos a presença do pronome “*gente*” que geralmente é utilizado como uma maneira de se referir, ou melhor, de substituir o nós. Isso nos leva a pensar que o narrador vivenciou todo o processo pelo qual “Tio Man’ Antônio” passou, e se incitava em buscar entender a reação no mínimo estranha que a personagem vivia.

Outra questão interessante à respeito deste narrador é a maneira como o mesmo se posiciona durante a narrativa em relação ao possível leitor. Em determinados trechos deixa implícito que o leitor também está observando “Tio Man’ Antônio” de perto, e, em alguns momentos estabelece uma espécie de diálogo com estes (no caso nós). Durante este “diálogo” comenta com o leitor de forma implícita a sua falta de acesso ao íntimo de “Tio Man’ Antônio”, questiona algumas atitudes da personagem, como se não as compreendesse ou como se quisesse instigar alguém a pensá-las de forma mais crítica, outras vezes este diálogo não se dá tão implicitamente, como podemos notar no seguinte trecho: “... Ele – o transitório – só se diga por esse enquanto” - (ROSA, 2001, p.133). Observe que este é um dos momentos, em que o narrador deixa claro que dialoga com alguém, como se este alguém, estivesse sedento para saber o final de sua história. Ou, como se este diálogo fosse uma forma de insinuar que ainda tinha muito por vir, e que essa busca de compreender Tio Man’ Antônio, não se daria tão facilmente através de uma simples observação superficial dos acontecimentos.

Desse modo, podemos dizer que o presente narrador em primeira pessoa, é o que Friedman denominou de “Eu’ como testemunha” (LEITE, 1997,p.35). Ou seja, aquele narrador que presencia e relata os acontecimentos, nos “desenhando” toda a cena, de forma que tudo seja tido como verossímil como se estivéssemos a observar os acontecimentos de perto. Em alguns casos este narrador ainda nos antecipa de forma

vaga alguma idéia como forma de nos dar uma pista de que o que esperamos da estória pode não ser o que parece a uma primeira vista. Contudo, apesar deste narrador estar em primeira pessoa e sabermos que se trata do sobrinho de Tio Man' Antônio, não podemos dizer que se trata de uma personagem agente no conto, visto que, em momento algum, relata alguma cena na qual esteja presente. Porém, também não está alheio à estória visto que, em determinados momentos se dirige diretamente ao leitor quase que o obrigando a pensar e inferir seus sentimentos.

Contudo, mesmo nos confundindo quanto à sua presença, e se se mantendo alheio o máximo possível de sua narrativa, quando finaliza o conto confirma a teoria que levantamos de se tratar de "narrador testemunha", ou seja, aquele que relata um acontecimento que vivenciou de perto. Podemos perceber isto, porque o próprio narrador afirma seu parentesco com Tio Man' Antonio ao dizer: "Ele – que como que no Destinado se convertera – Man' Antonio, meu Tio." (Rosa, 2001, p. 140).

Vemos aqui a aproximação entre narrador e leitor, neste momento se estabelece efetivamente o diálogo entre ambos. Pois, é aqui que o narrador se faz, de forma explícita, parte de sua própria narrativa, e toma como forma de demonstrar que a estória que narra, é realmente fato. Já que se trata de alguém de sua própria família, portanto, uma estória verídica, e assim, conta a alguém que o ouve, no caso o leitor.

Muitas outras questões envolvidas giram em torno deste conto, assim, buscaremos abordá-las de maneira despretensiosa nos próximos capítulos. Garantimos assim, uma viagem incrível capaz de aumentar ainda mais o fascínio de quem se aventura na leitura deste conto de Rosa.

Cap.2

EM “NADA E A NOSSA CONDIÇÃO” A ÚNICA CERTEZA É O INCERTO.

Guimarães Rosa não é apenas um escritor de renome, é antes disso, um autor que nos causa sempre uma experiência fascinante através da leitura de suas obras. Em cada trecho de sua escrita, nos deparamos com palavras e sentidos polissêmicos que se entreabrem em uma apreensão oscilante entre um compreender capaz de maravilhar o leitor e um não - compreender, causador de frustração.

Ao mesmo tempo em que determinada idéia parece se manifestar explicitamente, se comprime obscura. Quanto mais pensamos estar conseguindo apreender determinados sentidos, mais evidente fica o seu caleidoscópio relativo dizendo-nos da impossibilidade da explicação absoluta.

Desta forma, podemos afirmar nesse início de texto que não há uma fronteira limpa entre o oculto e o manifesto, entre o inteligível e o não-inteligível, entre o que pode ser dito e o indizível. É como se cada uma destas características estivessem diretamente entrelaçadas uma à outra, ao mesmo tempo em que vemos uma afirmação nos deparamos com uma negação. Nesse sentido, toda certeza que temos é que o tudo é inconstante e imprevisível. Esta complexidade produz em nós, leitores, uma excitação constante pela descoberta de Guimarães Rosa: ora nos instiga a permanecermos sempre atentos; ora permite que nos percebamos como parte do jogo do texto.

O escritor também se dedica a escrever aquilo que é minúsculo, dá ênfase ao ser humano, enquanto inquiridor de idéias, escavador de conhecimentos, enquanto Ser que transita entre um “ser” e um buscar “ser”.

O conto “Nada e a nossa Condição” é um grande exemplo desta fascinante forma de escrever de Guimarães Rosa. Nessa escrita ficcional observamos certos indícios que nos deixam atemorizados perante nosso julgamento raso e ingênuo, visto que não há uma continuidade certa, uma clareza do futuro, nada é seqüencial, nem a forma ou seu acontecimento é estrutural e linear. Para melhor compreendermos essas questões, observemos exemplos de trechos retirados do presente conto, que denotam essa inconstância de que falamos.

No início do conto, o narrador apresenta o tempo: “(...) ali as manhãs dando de plano e, de tarde, os tintos roxo e rosa no poente não dizendo nem de bom nem mau tempo.”-

(Rosa, 2001, p. 129). Notemos que nem mesmo as condições do tempo são previsíveis, pois o céu não dá dicas se vai chover ou se fará calor, não há uma forma ideal de se prever o tempo-futuro, mesmo que esteja o mais próximo possível.

Essa incerteza também se apresenta na ação de Tio Man' Antônio, personagem central do conto, que ao vir em direção à casa da fazenda não mantém um caminhar em uma sequência lógica e aceitável, ao mesmo tempo, em que se aproxima afasta, sem deixar evidência do seu próximo passo. Não oferece certeza alguma, apenas cavalgava seu burro forçoso e manso: "O espaço da varanda, dado o dia diáfano, já ainda a distância de tanto e légua avistavam-no, pontuando o claro do ar, em certas voltas de estrada, a aproximar-se e desaproximar-se, sequer seqüente" - (Rosa, 2001, p.130).

Outro grande momento do conto é a morte de Tia Liduína, "Sua mulher, Tia Liduína, então morreu, quase de repente, no entrecorte de um suspiro sem ai e uma ave-maria interrompida."- (Rosa, 2001, p.131). Momento este totalmente inesperado, até mesmo pela própria personagem que não prevê, nem sequer imagina que poderia morrer dentro do minuto seguinte. A surpresa é certa, em um momento ela fazia suas orações de sempre e tocava sua vida como se a tivesse por muitos anos a fio, no minuto seguinte está morta com pessoas a velar e a chorar sua falta.

O grande questionamento de Felícia ao pai também é a retratação desta inconstância no conto, vemos que a pergunta: "Pai a vida é feita só de traiçoeiros altos-e-baixos? Não haverá, para a gente, algum tempo de felicidade, de verdadeira segurança?"- (Rosa, 2001, p. 132). Denota com clareza o medo daquilo que não se espera, a dúvida do que está por vir, o receio de se decepcionar ainda mais com o que possa ocorrer, e o desejo de estar sempre a par do que se passa. Porém, esta certeza do futuro não pode ocorrer, já que não há como se manter em uma linha constante sem ao menos uma vez desviar-se do caminho ou sofrer nesse mesmo caminho algumas quebras, no mundo, a única coisa certa é o incerto.

Assim, como a vida das personagens do conto oscila entre o certo e o duvidoso, sem uma sequência exata das ordens das coisas, a escrita rosiana também segue uma forma de desestrutura tanto na ordem em que as idéias se apresentam, quanto na forma que os parágrafos são escritos no presente conto. Essa "desestruturação" dos períodos pode ser compreendida como forma de reforçar a inconstância que está presente na estória narrada. Uma característica marcante desta desestrutura no conto é o fato de alguns parágrafos retomarem a idéia do anterior, não há uma seqüenciação ideal da escrita

padrão. Sempre há uma quebra dos sentidos, de repente quando menos se espera estes sentidos são postos de novo, e o leitor deve estar sempre em alerta para não perder o “fio da meada” na leitura. Podemos dizer que esta característica é uma forma de Rosa reforçar a idéia, de que tudo está em constante errância, ao mesmo tempo em que deixamos algo para trás ele precisa ser retomado, pois nunca há fim dos sentidos. Um exemplo desta desestrutura quanto à organização dos parágrafos pode ser percebida no seguinte trecho do conto:

(...) Essa fazenda, Tio Man' Antônio tivera-a menos por herança que por compra; e tão apartado em si se conduzia ele, individual e esquivo na conversa, que jamais quase a referisse pelo nome, mas, raro e apenas, sobmaneira: - “... Lá em casa... Vou para casa”

À que – assobradada, alicerçada fundo, de tetos altos, (...) - (Rosa, 2001, p. 129).

Notemos que aqui o segundo parágrafo se inicia com a presença dos pronomes relativos¹ “*A que*”. Contudo, como não há no mesmo parágrafo nenhum termo que possa ser retomado, o termo mais próximo é o do parágrafo anterior, no caso, a casa de Tio Man' Antonio. Esse fato é tomado como uma desestruturação, já que de acordo com regras gerais da gramática do Português, na estrutura de construção de um período o termo a ser retomado deve anteceder o pronome relativo, e não o parágrafo. Portanto, temos aqui uma desestrutura dessa padronização, que como já dissemos, representa essa inconstância que está presente em todo o conto.

Esta inconstância, tanto em relação aos acontecimentos do conto, quanto à escrita, é capaz de nos maravilhar quando nos deparamos com alguns sentidos que se colocam irradiantes à nossa frente e conseguimos intuí-lo. Em outros momentos, se torna frustrante quando alguns destes sentidos colocam à prova nossa atenção e cuidado, ou mesmo, quando apesar de compreendermos não os conseguimos expressar esse compreender através de um discurso objetivo ao qual estamos acostumados.

¹ **PRONOMES RELATIVOS** – São assim chamados porque se referem, de regra geral, a um termo anterior – o ANTECEDENTE.”

Assim, podemos afirmar que o imprevisto desde o princípio do conto a começar pelo próprio espaço físico, que representa essa inconstância na vida dos personagens da narrativa até os menores detalhes dessa estória, e da construção da mesma, move todo o enredo. E é um dos principais responsáveis pela sustentação e encantamento do conto, inclusive no desenvolvimento e construção da personagem Tio Man' Antônio.

Cap.3

A CONDIÇÃO DO SER EM O “NADA E A NOSSA CONDIÇÃO” DE GUIMARÃES ROSA.

1.0- O Conflito

Como vimos anteriormente, o presente conto abre um leque para inúmeras questões capazes de nos intrigar, uma destas questões é a existencial, nela vemos como o ser humano pode ser incompleto e insatisfeito com seu mundo e sua vida. Muitas vezes esta insatisfação ocorre mesmo de forma inconsciente, porém, não menos perturbadora.

O que temos nessa literatura é uma nova visão do próprio homem e seus complexos existenciais. Guimarães Rosa vai contra o que a Metafísica Clássica pensava, em suas narrativas, o corpo e alma não são pensados separadamente, há entre ambos uma unidade, um não existe sem o outro. Essa maneira de pensar vai ao encontro com a Metafísica Contemporânea. Heidegger em *Ser e Tempo*(2002) nos dá suporte para podermos pensar a literatura rosiana, principalmente ao dizer que “Eu sou o ser pelo qual há ser”.

No momento, nos deteremos apenas em compreender, sob a ótica filosófica, questões que cercam este belo e instigante, conto de Rosa, e que se encontram voltadas para a grande problemática existencial do Ser, existente na personagem Tio Man' Antonio. Buscaremos compreender a relação entre a percepção sensorial da personagem e o caráter poético da existência do “nada” na linguagem de Guimarães Rosa

Para nos aprofundarmos nesta pesquisa proponho que entendamos melhor a questão sobre o sentido do ser. Segundo Heidegger, em *Ser e Tempo*- (2002), desvendar o sentido do ser tem sido o grande anseio de muitos filósofos, porém quanto mais se busca estes sentidos, mais evidente fica o quanto a linguagem puramente objetiva se encontra longe de defini-lo. Visto que, o ser

(...) não somente não pode ser definido, como também nunca se deixa determinar em seu sentido por outra coisa nem como outra coisa. O ser só pode ser determinado a partir de seu sentido como ele mesmo. Também não pode ser comparado com algo que tivesse condições de determiná-lo positivamente em seu sentido. O ser é algo derradeiro e último que subsiste por seu sentido, é algo autônomo e independente que se dá em seu sentido. - (Heidegger, 2002, p.13)

Desse modo, a compreensão do ser pode existir, mas não através da linguagem objetiva com a qual buscamos sempre uma definição exata, sem deixar falhas ou vácuos. Assim, chegamos a um novo impasse, a própria linguagem. Podemos através desta, expressar todo e qualquer pensamento, através dela podemos definir objetos. Contudo, ainda de acordo com Heidegger,

(...) em todo pensamento se dá algo que não somente não pode ser pensado como, sobretudo e em tudo que se pensa, significa pensar, isto é, faz e torna possível o pensamento. Este 'não pensado', que nunca poderá ser pensado, é, pois, um nada. Mas não um nada somente negativo, nem um nada somente positivo e nem uma mistura, com ou sem dialética, de negativo e positivo. Mas então que nada é este?- um nada somente criativo tanto da negação quanto da posição e da composição de ambos. Constitui a "causa" e a "coisa" do pensamento essencial, do pensamento radical, o pensamento dos pensadores. Pois "causa" não tem aqui o sentido de casualidade, nem "coisa" o sentido de opacidade, gravidade ou objetividade. A "causa" do pensamento é requisição de radicalidade, a "coisa" do pensamento é reivindicação de originariedade nas peripécias de representação. - (Heidegger, 2002, p. 12)

Assim, podemos afirmar que, a linguagem não é suficiente para que o homem possa compreender-se enquanto ser, nem ao menos definir-se por ela. Contudo, Heidegger em sua filosofia ao questionar sobre o sentido do ser, torna possível a abertura para a compreensão da existência humana e habita a linguagem poética e criadora. Segundo este, o Ser não é um ente, mas um algo responsável pela linguagem, embora se identifique com o nada, ele é, e não pode ser percebido a partir de nenhum ente o que o torna transcendente em relação a este.

Um homem que não esteja satisfeito com o que é, ou, que não saiba quem é, sofre sem ser compreendido, visto que uma pessoa que sofre por não saber o que é e para que veio ao mundo, é interpretado por uma sociedade hipócrita que tem medo de se revelar, de dar atenção à coisas tidas como imprestáveis, ou minúsculas, como um desequilibrado

que só deseja atrair para si todos os olhares ou simplesmente como alguém que não goza de seu pleno juízo.

O personagem Tio Man' Antônio é, o que podemos chamar de homem que transita em si mesmo, inclusive, no próprio conto é denominado de acordo com as três fases 'de' transição pelas quais passa. Primeiro, como *transitório*, depois como *transitoriante* e por último como *transitoriador*. Nosso objetivo neste capítulo é observar como Tio Man' Antônio se porta perante essa transitoriedade, como se percebe nessa condição, e principalmente, o que dá o impulso principal para que inicie este processo de transição e que seja capaz de encontrar-se no nada. Esse personagem passa constantemente por longos períodos de divagação, busca sempre se compreender como ser. Contudo, não se encontra nas palavras, nem ao menos se expressa através delas. É somente dentro desse "nada" a que se refere Heidegger, que Tio Man' Antonio se percebe enquanto ser, capaz de se fazer ser.

Tio Man' Antonio, rumo a tudo, à senha do secreto, se afastava – dele e nele. Nada interrogava mais – horizonte e enfim – de cume a cume. Pelo que vivia, tempo agüentado, ele fazia, alta e serena, fortemente, o não-fazer-nada, acertando-se ao vazio, à redesiportância: e pensava o que pensava. Se de nunca, se de quando. (ROSA, 2001, p. 139)

Notemos primeiro como o narrador do presente conto nos informa sobre o espaço, no qual a personagem se encontra. Primeiro nos descreve um lugar extremamente perfeito, do ponto de vista social, com casa grande resistente, dois andares, feita de madeira com um sino outrora utilizado para comandar os escravos, vista ampla, posicionada em um ponto elevado da fazenda. Uma visão bem provinciana.

À que – assobradada, alicerçada fundo, de tetos altos, longa, e com quantos sem uso corredores e quarto, cheirando a fruta, flor, couro, madeiras, fubá fresco e excremento de vaca – fazia face para o norte, entre o quintal de limoeiros e os currais, que eram um ornato; e, à frente, escada de pau de quarenta degraus em dois lanços levava ao espaço da varanda, onde, de um caibro, a um canto, pendia ainda a corda do sino de outrora comandar os escravos assenzalados. (ROSA, 2001, p.130)

Conseguimos na descrição desta cena, ver perante nossos olhos uma casa grande dos antigos senhores do engenho, o que nos permite inferir à Tio Man' Antonio o papel de grande fazendeiro. Essa descrição do espaço que cerca a casa reforça esse nosso imaginário de perfeição e de sensação de termos perante nossos olhos uma pessoa cuja vida ofertasse a ela todas as coisas necessárias para ser feliz. Temos em torno da casa

um campo aberto, pomar, um curral grandioso capaz de deixar a visão da casa ainda mais bonita e com ar de conto de fadas, o que nos leva crer que Man' Antonio é o que diríamos de um homem de bem e de bens, portanto, feliz.

Durante toda a construção do conto, um narrador vai nos ditando as cenas, e nos descrevendo o espaço no qual se encontra esta personagem, porém, apesar do espaço continuar sendo o mesmo, a forma desta descrição se transforma, visto que, ao mesmo tempo que nos apresenta uma cena que reforça um imaginário grandioso do perfeito, do divino, ao nos descrever melhor este espaço, nos dá a idéia de um lugar infernal, principalmente quando se refere a enorme depressão física presente nas montanhas, como tudo é assustador e maior que o ser humano.

É através da descrição do espaço no qual tio Man' Antônio vivia que podemos notar quão perturbada era esta personagem. Começamos pela descrição da própria casa, note que esta denota um ambiente magnífico, digno de grandes senhores de engenho, porém essa magnitude não era suficiente para que Man' Antônio se sentisse feliz. Observemos o seguinte trecho:

Sua fazenda, cuja sede distava de qualquer outra talvez mesmo dez léguas, dobrava-se na montanha, em muito erguido ponto e de onde o ar num máximo raio se afinava translúcido: ali as manhãs dando de plano e, de tarde, os tintos roxo e rosa no poente não dizendo de bom nem mau tempo. Essa fazenda, Tio Man' Antônio tivera-a menos por herança que por compra; e tão apartado em si se conduzia ele, indivíduo e esquivo na conversa, que jamais quase a referisse pelo nome, mas raro e apenas, sobmaneira: - "... Lá em casa... Vou para casa..."- (ROSA, 2001, p.129)

Nota-se que a forma como a fazenda é descrita dá-nos a imagem de um lugar maravilhoso, grande distante de outras fazendas, porém a forma como Tio Man' Antônio à possuía fica suspensa, já que afirma que fora menos por herança que por compra, o que nos leva a crer que esta fazenda fora recebida talvez como dote pelo seu casamento com Lidiúna.

Talvez, esta forma de conseguir pertencer ao círculo dos grandes proprietários de terras não fosse tão honrosa para Tio Man' Antônio, o que o deixaria envergonhado perante os demais e por isso quase nunca se referisse à ela orgulhosamente de modo que pouco ou nada do que dizia ou fazia estava relacionada a mesma.

Outro momento no qual podemos notar essa falta de orgulho do espaço em que morava se encontra no seguinte trecho:

(...) Mas, ele, de cada vez, se curvava, de um jeito, para entrar, como se a elevada porta fosse acanhada e alheia, convidadamente, aos bons abrigos. Vivia, feito tenção. Assim, a respeito dele, muita real coisa ninguém sabia. - (ROSA, 2001, p.130)

Observe que Tio Man' Antônio não se sentia parte do universo que habitava, e do qual era "rei" supremo, todos o respeitavam e guardavam por ele imensa admiração como se seu aval fosse necessário para que tudo corresse bem. As filhas o amavam, cercavam-no de respeito e cuidados, assim com sua esposa Liduína. Este, porém, mantinha-se longe, sempre divagava ao observar as montanhas de forma, digamos que inconsciente, como se estivesse apartado de si e buscasse se encontrar. Tio Man' Antonio vivia uma angústia em não saber o que realmente era. Este tipo de "angústia", segundo Sartre em "*O existencialismo é um Humanismo*", faz parte da vida, de todo ser que toma decisões. No caso Tio Man' Antonio, este sente-se angustiado com a situação que assume para si, não se sente como parte desse universo "imposto". Contudo sabemos que de certa forma fora o próprio personagem quem escolheu essa condição para si. Mesmo que, não se sentisse a vontade, mesmo que acreditasse que estava ali, por razões que desconhecesse, era responsável por essa escolha. De acordo com Jean-Paul Sartre, o homem escolhe o que acontece consigo, nunca está livre desta escolha haja vista que, mesmo que não tenha pedido para estar em um determinado lugar, não fizera nada para não estar. Isso o torna responsável por tudo que lhe acontece, é claro, que só podemos afirmar isso, através da ótica filosófica de Sartre, na qual temos a crença de que Deus, aquele que define o Destino do homem não existe. Assim o próprio homem é seu "Deus", ele que se cria e se faz enquanto ser.

Assim, tomamos aqui a liberdade de dizer de maneira despretensiosa, que o presente conto pode ser considerado uma escrita existencialista, sabemos também que muito se especula à respeito deste existencialismo, porém no presente trabalho seguimos uma linha de pensamento proposta por Sartre, que afirma ser o existencialismo um humanismo, segundo este, a questão do existencialismo tem sido foco de muitas críticas e massacres infundados. Visto que, sob a perspectiva cristã os existencialistas são acusados de serem repugnantes e instaurar a desordem, e, principalmente de destruírem, ou melhor, insinuarem a não presença de Deus, o que negaria a "seriedade dos empreendimentos humanos". Entretanto, para Sartre o existencialismo, vai muito além do que supõe essa ideologia cristã, é antes de qualquer coisa concebido como uma doutrina capaz de tornar "a vida humana possível e que, por

outro lado, declara que toda verdade e toda ação implicam um meio e uma subjetividade humana.” Não se trata aqui, segundo Sartre de enfatizar o lado negativo da vida humana.

É justamente isso que vemos no presente conto. Tio Man’ Antonio sofre por suas próprias escolhas, mesmo que estas sejam inconscientes. Há aqui um apagamento do ser que é exigido para que o convívio seja tido como algo “certinho” e bonito para a sociedade a que pertence. No entanto, vemos este personagem sofrer com esta posição. Contudo este sofrimento é inconsciente, não é algo no âmbito físico, mas espiritual é ele mesmo que não reconhece a si. É não ter a quem pôr a responsabilidade do seu ser é não ter a quem perguntar quem é, e para que serve.

Entretanto, mesmo não se sentindo dentro deste universo como parte integrante do mesmo, não vemos em Tio Man’ Antonio o desejo de mudar, ou melhor, este não assume uma postura de quem realmente se percebe dentro desse conflito e que busca modificar sua vida. O mesmo mantém-se recolhido, alienado, e apartado de si. No entanto, volta-se para a divagação como se a natureza que o cercava fosse lhe trazer as respostas, que só mais tarde descobriria encontrar em si mesmo.

Sim, se os cimos – onde a montanha abre asas – e as infernas grotas, abismáticas, profundíssimas. Tanto contemplava-as, feito se, a elas, algo, algum modo, de si, votivo, o melhor, ofertasse: esperança e expiação, sacrifícios, esforços – à flor. Seria, por isso, um dia topasse, ao favorável, pelo tributo gratos, o Rei-dos-Montes ou o Rei-das-Grotas – que de tudo há e tudo a gente encontra? De si para si, quem sabe, só o que inútil, novo e necessário, segredasse; ele consigo mesmo muito se calava. Pois era assim que era, se; só estamos vivendo os futuros antanhos. Demais não se ressentisse, também, de sequidão, solidão, calor ou frio, nem do quotidiano desconforto tirava queixa. Mas debruçado, leve a cabecear, e com cerrada boca, expirando ligeiro ofego. Debilitada a vista, nos tempos agora. Por essa época, porém, sim; por uso. Olhava com a seu nem ciente amor, distantemente, fundos e cumes. Seduzível conheceu-se, ele, de encarar sempre o tudo? Chegava, após íngremes horas e encostas - (ROSA, 2001, p.131).

Essa busca de si era constante, e a insatisfação que Tio Man’ Antonio sentia, não era explorada e gritada ao mundo, muito contrariamente, nem o próprio Tio Man’ Antonio percebia-se dentro deste emaranhado de conflitos, não se sentia feliz, porém não reclamava. Apenas aceitava sua condição como fosse este seu destino. Como a mudança fosse algo alheio e que apenas com a divagação conhecesse-se assim nutria, pelo objeto de contemplação um estranho amor que em seu ínfimo não era consciente.

1.1- Autoconhecimento e transição.

Este momento no qual Tio Man' Antonio se vê angustiado e insatisfeito consigo mesmo e com o que conhecia de si, passa por um processo transitório. Este tem a chance de se perceber neste conflito e se transformar. Esta transformação não depende apenas do próprio personagem, mas de um amontoado de acontecimentos que se sucedem o que permitira a Tio Man' Antonio, buscar-se efetivamente em si mesmo.

O primeiro destes acontecimentos fora a morte de sua esposa. Sua amada Liduína morre de repente, quando menos se esperava e o inimaginável aconteceu:

Sua mulher, Tia Liduína, então morreu, quase de repente, no entrecorte de um suspiro sem ai e uma ave-maria interrupta. Tio Man' Antônio, com nenhum titubeio, mandou abrir, par em par, portas e janelas, a longa, longa casa. Entre que as filhas, orfanadas, se abraçavam, e revestia-se a amada morta, incôgruo visitou ele, além ali, um pós um, quarto e quarto, cômodo e cômodo. Pelas janelas, olhou; urgia a divagação - (ROSA, 2001, p.131).

O ato de Tio Man' Antônio ordenar que abrissem todas as janelas, após a morte de sua esposa, nos leva a meditar qual o sentido desse abrir as janelas sabemos que abrir janelas é tornar algo público, mostrar aos outros o que há dentro do mais íntimo, que é nossa casa. Quando Tio Man' Antônio abre as janelas permite que o mundo entre dentro de sua casa ele se desprende do lugar que até então ocupava.

Podemos então, afirmar que sua esposa Liduína era o elo forte que unia Tio Man' Antônio e o convencionalismo, ou seja, era ela quem fazia com que a vida de todos estivesse sempre resguardada, longe dos olhos curiosos e da língua afiada da sociedade da época. Não só a Liduína cabe esse papel, sabemos que a mulher de um modo geral, traz sobre si o fado de proteger sua família da exposição. Portanto, as janelas da casa estar fechadas remete à representação da proteção que Liduína prestava à casa. Porém, sempre notamos que Tio Man' Antônio não se sentia conivente com este ocultar-se diante dos outros, entretanto, não se fazia sobrepor à mulher.

Assim, quando Liduína morre Tio Man' Antônio manda imediatamente abrir as janelas, e logo após visita quarto pós quarto, observando as janelas como se visse a liberdade dessa prisão que é viver de aparências para não decepcionar um turbilhão de gente que apenas segue padrões sem ao menos saber porque os seguem. A partir de

então, Tio Man' Antonio liberta-se, e passa a divagar com uma liberdade, com a qual mesmo de forma inconscientemente já sonhara.

(...) Passou a paisagem pela vista, só a segmentos, serial, como dantes e ainda antes. De roda, na vislumbração, o que dos vales e serros vem é o que o horizonte é – tudo em tudo. Pois, noutra lança de vista, ele pegava a paisagem pelas costas: as sombras das grotas e a montanha prodigiosa, a vanecer-se, sobre asas. Ajudavam-no, de volta, agora que delas precisava? Definia-se, ele, ali, sem contradição nem resistência, a inquebrantar-se, desde quando de futuro e passado mais não carecia. Talvez, murmurasse, de tão dentro em si, coisas graves, grandes, sem som nem sentido - (ROSA, 2001, p.131).

Vemos aqui, o momento no qual Tio Man' Antonio, realmente se percebe enquanto um ser transitório. A morte de Tia Liduína representa em sua vida a liberdade, agora, Tio Man' Antonio deixava de ser contraditório, de seguir normas e deveres somente para resguardar sua família dos falares alheio. O personagem parte daquele lugar que outrora ocupava em busca de si e começa a se encontrar através do “nada”, do murmurar coisas graves e grandes que não tinham som nem sentido, através do gesto de ficar horas a observar o horizonte, momento em que se dá a percepção de si.

Bosi apresenta o pensamento da *Fenomenologia da percepção*, *O olho e o espírito*, *O visível e o invisível*, pela ênfase que o poeta dá ao corpo como lugar privilegiado de conhecimento. “Fenomenologia do Olhar”(1988), de Alfredo Bosi, integra um conjunto de ensaios organizados por Adauto Novaes sob o título de *O Olhar*, estes trabalhos compõem uma discussão ampla das principais vertentes que atravessaram a história redesenhando a questão do olhar e conseqüentemente da percepção. O próprio modo como se definiu logo acima o termo “percepção” já traz em si o núcleo do problema enfrentado pela filosofia: a *divisão* entre sujeito e objeto, ou entre aquele que percebe e aquilo que é percebido. A tentativa de distinguir e separar duas ordens tão intrinsecamente ligadas leva a noção de “sujeito” a sofrer, no decorrer da história, algo como um apagamento de sua dimensão corporal, isto é, daquela que justamente se põe em contato mais direto com a materialidade do mundo exterior. Daí a mais forte divisão que, desde Platão, se anuncia para a filosofia - entre Corpo e Espírito ou entre Corpo e Conhecimento.

Isso ocorre com o protagonista deste conto. Há aqui, a percepção de si através deste observar. É claro que o que fez com que este se conhecesse, não fora a paisagem que olhava, mas como olhava para mesma. Como se percebeu enquanto um ser que

habita um universo grandioso e eloqüente. A partir daí Tio Man' Antonio, começa a viver e se mostrar como realmente era:

Enfim, tornou para junto delas, de sua Liduína – imovelmente – ao século, como a quisessem: num amontoou de flores. Suspensas, as filhas, de todo a o não entender, mas adivinhar, dele a crédito, vago esperassem, para o comum da dor, qualquer socorro. Ele, por detrás de si mesmo, pondo-se de parte, em ambíguos âmbitos e momentos, como se a vida fosse ocultável; não o conheceriam através de figuras. Sendo que refez sua maciez; e era uma outra espécie, decorosa, de pessoa, de olhos empalidecidamente azuis. Mas fino, inenganador, o rosto, cinzento moreno - (ROSA, 2001, p.132)

Tio Man' Antonio passaria a partir deste momento a ser “ele mesmo”, e assumiria realmente se sentia. Não mais se mostraria através de figuras como havia feito a vida toda em prol de sua família e em manter as aparências que significavam tanto para Liduína, porém agora não havia mais necessidade de manter essas aparências, tanto que quando Tio Man' Antonio volta às filhas e à morta, chora, “mas com o poder de uma liberdade, que fosse qual mais forte e destemida esperança” - (ROSA, 2001, p.132).

No entanto, a transformação de Tio Man' Antonio não se dá completamente nesse momento, as filhas orfanadas ficam sob sua guarda, e, são um resquício do que fora sua esposa, são por assim dizer, um pequeno elo que ainda existe entre Tio Man' Antônio e sua vida de grande proprietário de terras que impunha respeito e medo à todos que o cercavam. Tio Man' Antonio se recusava ao sofrimento desmedido, a tragicidade e a acentos viuvosos, mesmo não se dando completamente a sua transição não é mais aquele que apenas divagava antes da partida de Liduína. Começa, então, a mudar o aspecto do lugar onde morava, aspecto esse que sua esposa amava e fazia questão de manter assim.

De arte que inventava outro sorrir, refeito ingênuo; esquecera-se de todos os bens passados. E seu surdo plano, enfim, no dia, se fechou. De sorte que as filhas viram que já tudo estava pronto; e se contristaram.

Com que – e por que idéia ingrata e estranhável – pretendia ele de desmanchar o aspecto do lugar, que de desde a antiguidade, a fisionomia daquelas rampas de serras, que a Mãe vira e quisera? No desbaste, rente em redor, com efeito, nada se poupava – nem o mato lajeiro, tufos ticos de moitas, e arbustos – onde ali tudo se escampava. A ponto isto foi, de interpelá-lo a filha dileta, Francisquinha, aflita meigamente. Se não seria aquilo arrefecido sentimento, pecar contra saudade? (ROSA, 2001, p.134).

Mas, o que significa essa mudança na aparência do lugar onde morava? Podemos dizer que o aspecto desse lugar era a representação do convencionalismo que Liduína lutara tanto para manter, pois a mata ainda era virgem, as árvores estavam intactas e permaneciam assim desde que esta era solteira. Quando Tio Man' Antonio derruba estas árvores é como se estivesse derrubando o próprio convencionalismo. E ao ser interpelado pela filha quanto ao fato de pecar contra a saudade da esposa, o mesmo responde: "Nem tanto, filha... Nem tanto...". A partir daí os campos não eram mais sombrios, mantinham uma luminosidade, poderia se ver ao longe, com uma leveza que só um campo airoso pode propiciar. Era assim que ficaria sua vida a partir deste momento. Aqui Tio Man' Antonio se percebe e se assume como transitório. Esse se perceber nesta posição é o que Sartre diz ser um existencialista, é notar-se como dono e fazedor do próprio destino e de si mesmo. A esse respeito Sartre diz:

O existencialismo ateu, que eu represento, é mais coerente. Afirma que, se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito: este ser é o homem, ou, como diz Heidegger, a realidade humana. O que significa, aqui, dizer que a existência precede a essência? Significa que, em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define. O homem, tal como o existencialista o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início, não é nada: só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo. Assim, não existe natureza humana, já que não existe um Deus para concebê-la. O homem é tão-somente, não apenas como ele se concebe, mas também como ele se quer; como ele se concebe após a existência, como ele se quer após esse impulso para a existência. O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo: é esse o primeiro princípio do existencialismo. (SARTRE, 1970, p.18)

De acordo com Sartre, o primeiro passo do existencialismo, é mostrar ao homem que, cada ser humano é dono de si, por conseguinte responsável pelo seu jeito de ser e sua subjetividade. Todo homem não é apenas responsável só pela sua individualidade, mas também por todos os homens. Desse modo, segundo Sartre a palavra subjetivismo tem dois significados,

por um lado, escolha do sujeito individual por si próprio e, por outro lado, impossibilidade em que o homem se encontra de transpor os limites da subjetividade humana. É esse segundo significado que constitui o sentido profundo do existencialismo. Ao afirmarmos que o homem se escolhe a si mesmo, queremos dizer que cada um de nós se escolhe, mas queremos dizer

também que, escolhendo-se, ele escolhe todos os homens. (SARTRE, 1970, p. 19)

Desse modo, podemos dizer que Tio Man' Antonio assume o papel que é de direito de todos os homens, o de ser responsável por definir quem é, o de se construir a si mesmo sem delegar a um Deus a responsabilidade por todo seu ser. Segundo Sartre, assumir esse papel para si significa ser corajoso e responsável por si. Ainda de acordo com Sartre, se negar a isso e se manter alienado de si mesmo, isso é ser covarde.

1.2- Última fase, ser fazedor de si, e, encontrar-se no “nada”

Apesar de todas as descobertas a respeito de si que Tio Man' Antonio faz, só se transforma realmente depois que as filhas se casam e vão para cidade grande. Aqui o protagonista se mostra efetivamente como é, começa a se desfazer de todos seus bens, após um período de meditação:

Tão próspero em seus dias, podia larguear, tinha o campo coberto de bois. Tudo se inestimava, porém, para Tio Man' Antonio, ali, onde tudo o que não era demais, eram humanas fragilidades. Apreendesse o poder de conversar, em surdo e agudo, as relações dos acontecimentos, dos fatos; e dissuadia-se de tudo – das coisas, em multidão, misérias. Ele – o transitoriante. Realmente, seu pensamento não voltava atrás? Mas, mais causas, no mundo e em si, ele, à esperança, em sua circunvisão, condenado, descobria. Em termos muito gerais, haveria uma mor justiça; mister seria. Se o paiol limpo se deve de, para as grandes colheitas: como a metade pede o todo e o vazio chama o cheio. E foi o que Tio Man' Antonio algum dia resolveu, conseqüentemente assim, se se crê. Deveras, aquilo se deu. O que foi uma muito remexida história. E eis. E pois. - (Rosa, 2001, p.137).

Note que todas as decisões que Tio Man' Antonio toma, são pautadas em momentos de divagação. Este percebe que suas decisões, assim como diz Sartre (1970), reflete a todos os homens que o cercam. É neste momento que o protagonista do conto percebe que é somente a partir do nada que o homem é capaz de se entender e compreender. Assim, decide, construir este “nada” para alcançar a paz e o conhecimento que tanto buscava. Então decide distribuir seus bens materiais entre seus servos e as filhas. Contudo faz tudo isso de forma discreta para não crescer a ambição dos outros sobre seus bens.

Começa por vender o gado que possuía enviando às filhas uma quantia boa em dinheiro, dizia a estas que estava retalhando e vendendo a fazenda, enquanto isso, de seu próprio punho assegurava a todos aqueles que o tinham servido, como beneficiários de suas terras. Tio Man' Antônio mantém de seu, apenas a grande casa onde morava, e na qual viria morrer mais tarde. Apesar de sua atitude, beneficiar a todos aqueles que o serviram, era tido por estes como um louco, caduco. A reação que os beneficiados de Tio Man' Antonio tiveram, estava ligada ao fato destes não terem aprendido a se fazer ser. Ainda estavam ligados ao convencionalismo, talvez por medo de se arriscar no incerto ou por comodismo. No entanto, quem se encontra nesta posição ainda acredita estar no direito de julgar aqueles que não se alienam, e acabam por não seguir aquele padrão tido como bonito, correto e ideal. Porém, o que Tio Man' Antonio buscava não era a aprovação de ninguém, mas a si mesmo e este tinha certeza que não se encontraria em tudo aquilo que possuía.

Em meio ao que, aquilo, deu-se. Deu – o indeciso passo, o que não se pode seguir em idéia. Morreu, como se por um furo de agulha um fio. Morreu; fez de conta. Neste ponto, acharam-no, na rede, no quarto menor, sozinho de amigo ou amor – transitoriador – príncipe e só, criatura do mundo. - (Rosa, 2001, p.139)

Segundo Heidegger, os limites de cada um, é dado pelo tempo de vida que tem, alguns aceitam as coisas assim como são, não apresentam em seu cotidiano grandes inquietações assim apenas sobrevivem, nunca se dispõem a mudar de se fazer ser. Outros, ao contrário, "existem", são capazes de testarem os limites que lhes foram impostos, lutam em busca de melhoras, procuram enriquecer o ser e jamais se deixam levar pelo que seria o ideal para um grupo ou pelo que outros possam achar de suas atitudes. É o caso de Tio Man' Antonio, esse se fez ser, porém, não fora devidamente interpretado, haja vista que colocou em questão toda uma ideologia que a sociedade tem pregado e proposto indo assim por um caminho distinto e por isso pouco ou nada aceito.

Um grande momento desta narrativa fora o fato de Tio Man Antonio morrer sozinho no menor quarto da casa e ser velado no maior. Em seu velório não havia nada além de pessoas que sentiam apenas obrigação de estarem ali.

A obrigação cumprida à justa, à noitinha incendiou-se de repente a Casa, que desaparecia. Outros, também, à hora, por certo que lá dentro deveriam de ter estado; mas porém ninguém.

Assim, a vermelha fogueira, tresenorme, que dias iria durar, mor subia e rodava, no que estalava, septo a septo, coisa a coisa, alentada, de plena evidência. Suas labaredas a cada usto agitando um vento, alto sacudindo no ar as poeiras de estrume dos currais, que também se queimavam, e assim e quadraginta escada, o quente jardim dos limoeiros. Derramados, em raio de légua, pelo ar, fogo, faúlhas e restos, por pirambeiras, gargantas e cavernas, como se, esplendidissimamente, tão vã e vagalhã, sobre asas, a montanha inteira ardesse. O que era luzência, a clara, incôngrua claridade, seu tétrico radiar, o qual traspassava a noite. - (ROSA, 2001, p.140).

No trecho acima podemos observar a liberdade que Heidegger se referia. Não há apenas o fim de Tio Man' Antonio, mas a libertação do mesmo, este volta a ser o pó que era antes de ser homem, ou seja, o nada.

Ante e perante, à distancia, em roda, mulheres se ajoelhavam, e homens que pulando gritavam, sebestos, diabruros, aos miasmas, indivíduos. De cara no chão se prostavam, pedindo algo e nada, precisados de paz.

Até que, ele, defunto, consumiu-se a cinzas – e, por elas, após ainda encaminhou-se, senhor, para a terra, gleba tumular, só; como as conseqüências de mil atos, continuamente.

Ele – que como que no Destinado se convertera – Man' Antonio, meu Tio. - (ROSA, 2001, p.140).

É na morte que Tio Man' Antonio se encontra. A morte é o nada, no qual o homem realmente cumpre seu dever e o seu papel, enquanto ser. Heidegger em sua filosofia trabalha com a finitude do ser. Segundo este, o corpo e alma de um ser não podem ser apartados de si, portanto, não há vida após a morte de acordo com esta perspectiva. Assim, quebra-se o ideal de que a morte é a iniciação para uma nova vida. Contudo, morte aqui também significa uma espécie de libertação, porém é uma libertação que indica o fim, e é através dela que o ser consegue compreender sua complexidade, pois se percebe como algo finito que é, aqui, o ser está entregue a si mesmo, ao nada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Guimarães Rosa consegue ao mesmo tempo, nos fascinar com a escrita do conto “Nada e a Nossa Condição” e nos levar a um profundo estado de meditação, no qual percebemos que pouco ou nada sabemos à respeito do que somos e porque somos. Assim conseguimos ver no personagem Tio Man’ Antonio uma quase representação de nossos próprios conflitos e a partir daí concluimos ainda mais que não passamos de meros seres que estão sempre em constante transformação, cuja vida e destino serão sempre incertos e imprevisíveis.

Assim, quando nos aventuramos na escrita rosiana, abrimos margens dentro de nosso inconsciente para buscarmos sempre uma nova forma de vermos o mundo e o nosso redor, não se trata aqui apenas de uma forma literária, temos uma arte contemporânea que representa nossos próprios medos e inquietudes. Esta nova forma literária apreende profundamente a alma humana e suas complexidades, graças à sua forma renovada de escrever e de sua ousadia em penetrar em um campo que causa angústia e medo.

BIBLIOGRAFIA

BLANCHOT, MAURICE. *O Espaço literário*. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BOSI, Alfredo. "Fenomenologia do Olhar". In: Novaes, Adauto (org.) *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

"Céu, Inferno". *Céu, Inferno – ensaios de crítica literária e ideologia*. São Paulo: Ed. Ática, 1988.

Reflexões sobre a arte. 4a ed. São Paulo: Editora Ática: 1991.

CANDIDO, Antonio. "O homem dos avessos". *Tese e Antítese*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1964.

"Jagunços e mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa". *Vários escritos – 3ªed.* revista e ampliada; São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COUTINHO, Eduardo Faria. "Guimarães Rosa: um alquimista da palavra". Prefácio à ficção completa de Guimarães Rosa. In: Rosa [1995] vol.1.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *O Foco Narrativo(ou) a polêmica em torno da ilusão*. São Paulo. Ática. 1997.

NUNES, Benedito. "Guimarães Rosa". *O dorso do tigre*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.

"Fenomenologia e experiência estética", "Filosofia e Literatura". *No tempo do niilismo e outros ensaios*. São Paulo: Editora Ática, 1993.

RÓNAL, Paulo. "Os vastos espaços". In: Rosa, João Guimarães. *Primeiras Estórias*. introdução à obra. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.

SPERBER, Suzi Frankl. *Caos e Cosmos*. São Paulo. Cultrix, 1979.

ROSA, João Guimarães. 1908 – 1967. “Nada e a Nossa Condição” In: *Primeiras Estórias*. Nova Fronteira, 2001.

SARTRE, Jean- Paul, *O Existencialismo é um Humanismo*. IN: *L'Existentialisme est un. Humanisme*, Les Éditions Nagel, Tradução: Rita Correia Guedes. Paris, 1970.

CUNHA, Celso, CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lexikon. 3ª Ed. 2007

Nada e a nossa condição

129

Na minha família, em minha terra, ninguém co-nheceu uma vez um homem, de mais excelência que presença, que podia ter sido o velho rei ou o príncipe mais moço, nas futuras estórias de fadas. Era fazendeiro e chamava-se Tio Man' Antônio.

Sua fazenda, cuja sede distava de qualquer outra talvez mesmo dez léguas, dobrava-se na montanha, em muito erguido ponto e de onde o ar num máximo raio se afinava translúcido: ali as manhãs dando de plano e, de tarde, os tintos roxo e rosa no poente não dizendo de bom nem mau tempo. Essa fazenda, Tio Man' Antônio tivera-a menos por herança que por compra; e tão apartado em si conduzia ele, individo e esquivo na conversa, que jamais quase a referisse pelo nome, mas raro e apenas, sobmaneira: - "*Lá em casa... Vou para casa...*"

À que - assobradada, alicerçada fundo, de tetos altos, longa, e com quantos sem uso corredores e quartos, cheirando a

fruta, flor, couro, madeira, fubá fresco e excremento de vaca – fazia face para o norte, entre o quintal de limoeiros e os currais, que eram um ornato; e, à frente, escada de pau de quarenta degraus em dois lanços levava ao espaço da varanda, onde, de um caibro, a um canto, pendia ainda a corda do sino de outrora comandar os escravos assenzalados.

Tio Man' Antônio, esperava-o lá a mulher, Tia Liduína, de árdua e imemorial cordura, certa para o nunca e sempre. E rodeavam-no as filhas, singelas, sérias, cuidosas, como supridamente sentiam que o amavam. Salvavam-no, com invariável *sus' Jesus*, desde bem antes da primeira cancela, diversidade de servos, gente indígena, que por alhures e além estanciavam. Mas, ele, de cada vez, se curvava, de um jeito, para entrar, como se a elevada porta fosse acanhada e alheia, convidadamente, aos bons abrigos. Vivia feito tenção. Assim, a respeito dele, muita real coisa ninguém sabia.

Só se de longe. Senão quando vinha, constante, serra acima, a retornar viagem, galgando caminhos frágios, à beira de despenhadeiros e crevassas – grotas em tremenda altura. Da varanda, dado o dia diáfano, já ainda a distância de tanto e légua avistavam-no, pontuando o claro do ar, em certas voltas de estrada, a aproximar-se e desaproximar-se, sequer seqüente. Insistindo, à cavalga no burro forçoso e manso, aos poucos avançava, Tio Man' Antônio, em rigoroso traje, ainda que a ordinária roupa de brim cor de barro, pois que sempre em grau de reles lebre; e sem polainas nem botas, quicá nem esporas. A tento, amiúde, distinguir-se-iam mesmo seus mais omissos gestos principais: o de, vez em vez, fazer que afastava, devagar, de si, quaisquer coisas; o de alisar com os dedos a testa, enquanto pensava o que não pensava, propenso a tudo, afetando um cochilo. Nem olhasse mais a paisagem?

Sim, se os cimos – onde a montanha abre asas – e as infernas grotas, abismáticas, profundíssimas. Tanto contempla-va-as, feito se, a elas, algo, algum modo, de si, votivo, o melhor, ofertasse: esperança e expiação, sacrifícios, esforços – à flor. Seria, por isso, um dia topasse, ao favorável, pelo tributo gratos, o Rei-dos-Montes ou o Rei-das-Grotas – que de tudo há e tudo a gente encontra? De si para si, quem sabe, só o que de inútil, novo e necessário, segredasse; ele consigo mesmo muito se calava. Pois era assim que era, se; só estamos vivendo os futuros antanhos. Demais não se ressentisse, também, de sequidão, solidão, calor ou frio, E nem do quotidiano desconforto tirava queixa. Mas debruçado, leve a cabecear, e com cerrada boca, expirando ligeiro ofego. Debilitada a vista, nos tempos agora. Por essa época, porém, sim; por uso. Olhava, com a seu nem ciente amor, distantemente, fundos e cumes. Seduzível conheceu-se, ele, de encarar sempre o tudo? Chegava, após íngremes horas e encostas.

131

Sua mulher, Tia Liduína, então morreu, quase de repente, no entrecorte de um suspiro sem ai e uma ave-maria interrupta. Tio Man' Antônio, com nenhum titubeio, mandou abrir, par em par, portas e janelas, a longa, longa casa. Entre que as filhas, orfanadas, se abraçavam, e revestia-se a amada morta, incôngruo visitou ele, além ali, um pós um, quarto e quarto, cômodo e cômodo.

Pelas janelas, olhou; urgia a divagação. Passou a paisagem pela vista, só a segmentos, serial, como dantes e ainda antes. De roda, na vislumbração, o que dos vales e serros vem é o que o horizonte é – tudo em tudo. Pois, noutro lanço de vista, ele pegava a paisagem pelas costas: as sombras das grotas e a montanha prodigiosa, a vanecer-se, sobre asas. Ajudavam-no, de volta, agora que delas precisava? Definia-se, ele, ali, sem contradição nem resistência, a inquebrantar-se, desde quando

De futuro e passado mais não carecia. Talvez, murmurasse, de tão dentro em si, coisas graves, grandes, sem som nem sentido.

Enfim, tornou para junto delas, de sua Liduína – imóvelmente – ao século, como a quisessem: num amontôo de flores. Suspensas, as filhas, de todo a o não entender, mas adivinhar, dele a crédito, vago esperassem, para o comum da dor, qualquer socorro. Ele, por detrás de si mesmo, pondo-se de parte, em ambíguos âmbitos e momentos, como se a vida fosse ocultável; não o conheceriam através de figuras. Sendo que refez sua maciez; e era uma outra espécie, decorosa, de pessoa, de olhos empalidecidamente azuis. Mas fino, inenganador, o rosto, cinzento moreno.

Transluz-se que, fitando-o, agora, era como se súbito as filhas ganhassem ainda, do secesso de seus olhos, o insabível curativo de uma graça, por quais longínquos, indizíveis reflexos ou vestígios. Felícia, apenas, a mais jovem, clamou, falando ao pai: - *"Pai a vida é feita só de traiçoeiros altos-e-baixos? Não haverá, para a gente, algum tempo de felicidade, de verdadeira segurança?"* E ele, com muito caso, no devagar da resposta, suave a voz: - *"Faz de conta, minha filha... Faz de conta..."* Entrentendidos, mais não esperaram. Cabisbaixara-se, Tio Man' Antônio, no dizer essas palavras, que daí seriam as suas dele, sempre. Sobre, o que, leve, beijou a mulher. Então, as filhas e ele choraram; mas com o poder de uma liberdade, que fosse qual mais forte e destemida esperança.

Tia Liduína, que durante anos de amor tinham-na visto todavia sorrir sobre sofrer – só de ser, vexar-se e viver, como, ora, dá-se – formava dolorida falta ao uso de afeto de todos. Tia Liduína, que já fina música e imagem.

Com ver, porém, que Tio Man' Antônio a andar de dó se recusasse, sensato sem cuidados, intrágico, sem acentos viuvosos.

Inaugurava-se grisalho, sim, um tanto mais encolhidos os ombros. Ele – o transitório – só se diga, por esse enquanto. Nada dizia, quando falava, às vezes a gente mal pensava que ele não se achasse lá, de novo assim, sem som, sem pessoa. Ao revés, porém, Tio Man' Antônio concebia. – “*Faça-se de conta!*” – ordenou, em hora, mansozinho. Um projeto, de se crer e obrar, ele levantava. Um, que começaram.

133

Seus pés-no-chão muitos camaradas, luzindo a solsim foices, enxadas, facões, obedeciam-lhe, sequacíssimos no que com talento de braços executavam, leigos, ledos, lépidos. Mas ele guiava-os, muito cometido, pelos sabidos melhores meios e fins, engenheiro e fazedor, varão de tantas partes; associava com eles, dava coragem. – “*Faz de conta, minha gente... Faz de conta...*” – em seu bom sussurro, lábios de entre - sorriso, mas severo, de si inflexível, que certo. Matinava, dia por dia, impelindo-os, arrastando-os, de industrialização, à dobrada dobada, a derrubarem mato e cortar árvores, no que era uma reformação – a boa data de trabalhos. Seja que esses homens, esforçados e avindos, lerdos e mandriões, nem percebessem ali sujeição e senhoria, senão que, de siso, estimavam-no, decerto, queriam-lhe como quem. E em afã atacavam o inteiro rededor, que medido em seqüentes metros, acima e abaixo, com fórmulas e curvas.

À leréia, aquilo, que não se entende como carecido ou útil, antes talvez achassem em tudo ação de desconcernência ar na cachimônia, tolíce quase, a impura perfunctura. Mas, Tio Man' Antônio, no se é o que é que é, as abas de palha do chapelão abaixava, semicerrava olhos ao sol, soava, tem vez que tossia, a que quando. Ele era um que sabia abanar a cabeça, que não, que sim. Isto, porém, que o encoberto dele todos se impunha, separativo. Acordado, querente, via-se. Senão que,

homem, e, como todo homem, de fracos ossos? Outra, contudo, parecendo ser a razão por que não se cansava nunca naquela manêcia, indiferentes horas. Porque fazia ou sofria as coisas sem parar, mas não estava, dentro em sua mente, em tudo e nada ocupado.

De arte que inventava outro sorrir, feito ingênuo; esquecera-se de todos os bens passados. E seu surdo plano, enfim, no dia, se fechou. De sorte que as filhas viram que já tudo estava pronto; e se contristaram.

134

Com que – e por que idéia ingrata estranhável – pretendia ele de desmanchar o aspecto do lugar, que de desde a antiguidade, a fisionomia daquelas rampas de serra, que a mãe vira e quisera? No desbaste, rente em redor, com efeito, nada se poupava – nem o mato lajeiro, tufo ticos de moitas, e arbustos – onde ali tudo se escampavam. A ponto isto foi, de interpelá-lo a filha diletta, Francisquinha, aflita meigamente. Se não seria aquilo arrefecido sentimento pecar contra a saudade?

Assim ele muito a ouviu, e, com quieto estar mirando-a, respondeu-lhe, se bem que outro tanto alheio, alhures. – “*Nem tanto, filha... Nem tanto...*” donde que, ao passo que o dizia, quem sabe, em segundo soslaio, sorria sem passar de palavras a outra palavra. Mostrou-lhes: lá os campos em desdobra – o que limpo, livre, se estendia, em quadro largo sem sombrios, aberta a paisagem – o descampado airoso e verde, ao mais verde grau, os capins naquela vivacidade.

Ah! – ora, que e quem, pois – e era uma enorme, feita fantasia. Porque, a quem e além, como árvores deixadas para darem sombra aos bois no ruminar do calor, só e muito se divisam, consagradas, a vistosa sapucaia formidável, a sambaíba sertaneja à borda da Sorocaba, e, para fevereiro – março e junho-julho, sem folhas sendo se só de flores a barriguda rósea e a paineira purpúrea-quase-rubra, magnificentes, respectivas. Outras, outras. Mas, não mais, no

Qual lugar, que aquelas que Tia Liduína em vida preferira amar – seus bens de alegria!

Surpreenderam-se, as filhas, ampliaram assaz os olhos. Falava-se muito em pouco; só se lágrimas. Realmente, reto Tio Man' Antônio se semelhasse, agora, de ter sido e vir a ser. E de existir – principalmente – vestido de funesto e intimado de venturoso.

Que, não é que, em seu dito cuidar' e encaprichar-se, sem querer também profetizara nos negócios, e fora adivinho. Por que subiu, na ocasião, considerável, de repente, o preço do gado, os fazendeiros todos querendo adquirir mais bois e aumentar seus pastos. Tio Man' Antônio, então, daquele solerte jeito acertar tão em pleno, passando-lhes à frente e sem nenhum alarde. Do que, manso tanto, ele se desdenhava? Passara a atentar também nas verdes próximas vertentes em campina, de olhos postos; quer não apenas na montanha: alta – como conseqüências de nenhum ato.

Nada leva a não crer, por aí, que ele não se movesse, prático, como os mais; mas, conforme a si mesmo: de transparência em transparência. Avançava, assim, com honesta astúcia, se viu no que quis e fez? No outro ano e depois, quando, a arte de contristes celebrarem, como se fosse ela viva e presente, o dia de Tia Liduína, propôs uma festa, e para enganar os fados.

Que deu, as filhas concordando. Elas estavam crescidas e esclarecidas. Vieram moços, primos, esses tinham belas imaginações. Tio Man' Antônio recebendo-os e vendo-os, a beneplácito. E as filhas formosas, três, cada uma incomparável, noivaram e se casaram, em breve os desposórios. Vai, foram-se, de lá, para longes diversos com os genros de Tio Man' Antônio. Ele, permaneceu, de outrora a hoje-em-diante, ficou, que. Ali, em sua velha e erma casa, sobre azuis picos píncaros e desmedidas escarpas, sobre precipícios de paredões, grotões e

Alcantis abismosos – feita uma mansão suspensa – no púvio.

Três, as filhas, que por amor de anos ele tinha visto renovarem a descoberta de alegria e alma – só de ser, viver e crescer, como, ora, se dá – formavam sentida falta ao seu querer de ternura experiente? Suas filhas que já indivisas partes de uma canção.

Sozinho, sim, não triste. Tio Man' Antônio respeitava, no tangimento, a movida e muda' matéria; mesmo com seu mais costumeiro gesto – que era o de como se largasse tudo de suas mãos qualquer objeto. Distraído, porém acarinhando-as redimia-as, de outro modo, às coisas mezinhas? Vez, vez entanto, e quando mais em forças de contente bem estar se sentindo, então, dispostamente, ele se levantava-se, submetia-se, sem sabida precisão, à algum rude duro trabalho – chuva, sol, ação. Parecia-lhe como se o mundo- no- mundo lhe estivesse ordenando ou implorando, necessitado, um pouco dele mesmo, a seminar-se? Ou – a si – ia buscar-se, no futuro, nas asas da montanha. Fazia de conta; e confiava, nas calmas e nos ventos.

Tanto tempo que isto, mostrava-se ele ainda não achacoso, em seu infatigado viver e inquebrantável moleza; nem ainda encanecido, como o florir do ingazeiro, conforme viria a ficar, pelo depois.

Tão próspero em seus dias, podia larguear, tinha o campo coberto de bois. Tudo se inestimava, porém, para Tio Man' Antônio, ali, onde, tudo o que não era demais, eram humanas fragilidades. Apreendesse o poder de conversar em surdo e agudo as relações dos acontecimentos, dos fatos; e dissuadia-se de tudo – das coisas, em multidão misérias. Ele – o transitoriante. Realmente, seu pensamento não voltava atrás? Mas, mais causas, no mundo em si, ele, a esperança, em sua circunvisão, condenado, descobria.

Em termos muitos gerais, haveria uma mor justiça; mister seria. Se o paiol limpo se deve de, para as grandes colheitas: como a metade pede o todo e o vazio chama o cheio. E foi o que Tio Man' Antônio algum dia resolveu, consequentemente assim, se se crê. Deveras, aquilo se deu. O que foi uma muito remexida história. E eis. E pois.

Aos poucos; a diverso tempo, às partes, entre seus muitos, descalços servos, pretos, brancos, mulatos, pardos, leguelhês prequetês, enxadeiros, vaqueiros e camaradas – os próximos – nunca sediciosos, então Tio Man' Antônio doou e distribuiu suas terras. Sim, tudo procedido à quieta, sob espécie, com o industrio de silêncios, a fim de logo não se espevitar todo-o-mundo em cobiça, ao espalhar— se o saber do que agora se liberalizava ali, em tanta e tão espantosa maneira.

E ele mesmo, de seu dinheiro ganho, fingia estar vendendo ad terras, cabidamente; dinheiro que mandava, pontual, às filhas e genros, sendo-lhes levado recado, para fazer crer. Ainda bem que genros e filhas nada querendo mais ter com aquela a- pique difícil fazenda, do Torto- Alto, senão que mesmo pronto retalhada e vendida, de uma ou vezes. A que, contudo, era a terra das terras, dele – e fria e clara.

Aí, Tio Man' Antônio não pensava o que pensava. Amerceamento justo – ou era a loucura e tanta? O grande movimento é a volta. Agora, pelos anos adiante, ele não seria dono mais de nada, com que estender cuidados. A quem e de quem os fundos perigoso do mundo e os às- nuvens pináculos dos montes? – “*Faz de conta, gente minha... Faz de conta...*” – era o que dava, e quando, embora, no que em dizer essas palavras; não sorria, sengo.

Seus tantos servos, os benevolenciados, irreconheciam-no. Vai, ao ver, porém, que valia, a dádiva, rejubilavam-se de rir, mesmo assustado, lentos puladores, se abençoando.

Seus muitos, sequazes homens, que, durante o ignorar de anos, não os tinha verdade visto consistir – só de ser, servir e viver, como ora e sempre se dá – faziam agora falta à sua necessidade de designio? Seus homens, já exigidas partes de um texto, sem decifração.

E tudo Tio Man' Antônio deixando por escrito, da própria e ainda firme mão exarado, feito se em termos de ajuste, conforme quis e pôs; e, quanto a razões e congruências, tendo em vista o parecer do vulgo e as contradições gerais, para matar a dúvida. Em engenhada vigilância, parecia adivinhar o de que seus ex- servidores e ora companheiros pudessem ver-se acusados, pelo que mais tarde, em rubro serão, viria grandemente a suceder, que se verá. Cuidou disso resguardá-los, mediante declaração a tinta, por trás da data, tempos antes do depois.

De seu, nada conservara, a não ser a antiga, forme e enorme casa, naquela eminência arejada, edifício de prospecto decoroso e espaçoso: e de onde o tamanho do mundo se fazia maior, transclaro, sempre com um fundo de engano, em seus ocultos fundamentos. Nada. Talvez não. Fazia de conta nada ter; fazia-se, a si mesmo, de conta. Aos outros – amasse-os – não os compreendesse.

Faziam de conta que eram donos, esses outros, se acostumavam. Não o compreendiam. Não o amavam, seguramente, já que sempre teriam de temer sua oculta pessoa e respeitar seu valimento, ele em paço acastelado, sempre majestade. Por que, então não se ia embora então, de toda vez, o caduco estafermo, espantalho? Sábio, sedentariado, queria que progredissem e não perdessem, vigiava-os, de graça ainda administrava-os, deles gestor, capataz, rendeiro. Serviam-no, ainda e mesmo assim. Mas, decerto, milenar e animalmente, o odiavam.

Tio Man' Antônio, rumo a tudo, à senha do secreto, se afastava – dele a ele e nele. Nada interrogava mais – horizonte e enfim – de cume a cume. Pelo que vivia, tempo agüentado, ele fazia, alta e serena, fortemente, o não- fazer- nada, acertando-se ao vazio, à redessimportância; e pensava. Se de nunca, se de quando.

Em meio ao que, àquilo, deu-se. Deu – o indeciso passo, o que não se pode seguir em idéia. Morreu, como 'se' por um furo de agulha um fio. Morreu; fez de conta. Neste ponto, acharam-no na rede, no quarto menor, sozinho de amigo ou amor – transitoriador – príncipe e só, criatura do mundo.

Ai- de, ao horror de tanto, atontavam-se e calaram-se, todos, no amedronto de que um homem desses, serafim, no leixamento pudesse finar-e; e temessem, com sagrado espanto e quase de não de seu ciente ódio, que, por via de tal falecer, enormidade de males e absurdos castigos vingassem a se desencadear, recairiam desabados sobre eles e seus filhos.

Desde, porém, porque morreu, deviam reverenciá-lo, honrando-o no usual – corpo, humano e hereditário, menos que trôpego. Acenderam-se em quadro as grandes velas, ele num duro terno da sarja cor de ameixa e em pretas botas achadas, colocado longo na mesa, na maior sala da Casa, já requiescante. E tinham ainda de expedir positivos e recados, par que mais gente viesse, toda, parentes e ausentes, os possíveis, avizinados e distantes. Chorou-se, também, na varanda. Tocou-se o sino.

A obrigação comprida à justa, à noitinha incendiou-se de repente a Casa, que desaparecia. Outros, também. À hora, por certo que lá dentro deveriam de ter estado; mas porém ninguém.

Assim, a vermelha fogueira, tresenorme, que dias iria durar, mor subia e rodava, no que estalava, septo, coisa a coisa, alentada, de plena evidencia. Suas labaredas a cada usto agitando um vento, alto sacudindo no ar as pociras de estrume

Dos currais, que também se queimavam, e assim e quadraginta escada, o quente jardim dos limoeiros. Derramados, em raio de légua, pelo ar, fogo, faúlhas e restos, por pirambeiras, gargantas e cavernas, como se, esplendidissimamente, tão vã e vagalhã, sobre asas, a claridade, seu tétrico radiar, o qual transpassava a noite.

Ante e perante, à distancia, em rãda, mulheres se ajoelhavam, e homens que pulando gritavam, sebestos, diabruros, aos miasmas, indivíduos. De cara no chão se prostavam, pedindo algo e nada, precisados de paz.

Até que, ele, defunto, consumiu-se a cinzas – e, por elas, após, ainda encaminhou-se, senhor, para a terra, gleba tumular, só; como as conseqüências de mil atos, continuamente.

Ele – que como que no Destinado se convertera – Man' Antônio, meu Tio.